

Editorial

As bibliotecas universitárias têm papel primordial no âmbito das instituições de ensino superior e de pesquisa nacionais e internacionais. Secularmente, elas se constituíram como órgãos de promoção da cultura, ciência, tecnologia e inovação nas universidades e centros de pesquisa por meio da oferta de produtos e serviços especializados com foco na interação face a face.

Com a intensificação dos processos de digitalização e disseminação da informação em redes colaborativas, características das duas últimas décadas, as formas e os interesses pelos serviços de informação foram ressignificados, e as bibliotecas universitárias iniciaram alterações importantes no seu *modus operandi*, incorporando, sem perder os princípios, as demandas contemporâneas.

Desta perspectiva, as bibliotecas universitárias e seus profissionais têm sido chamados à reflexão sobre o seu futuro como organismo sociocultural e como profissionais ligados à produção, democratização e salvaguarda da informação e do conhecimento em contextos simétricos, em que temos o acesso a avanços sociotécnicos como a internet, mas, ao mesmo tempo, ficamos alheios à barbárie em relação à preservação do patrimônio cultural dos acervos das universidades.

Como é perceptível na história da formação dos profissionais da informação mundo afora, um protagonismo institucional e profissional é desejável, todavia não é apenas a troca na ordem das prioridades que nos conduzirá à revolução digital em rede.

Ouso dizer que é urgente uma tomada de posição de pesquisadores, bibliotecários e dirigentes em relação ao futuro das bibliotecas em contextos acadêmicos. Já não é mais admissível que as proposições e tomadas de decisão passem ao largo do debate profissional e tenham como consequência a proposição de soluções exóticas que revelam a medida do desconhecimento do fazer biblioteconômico e tornam evidentes os riscos dos oportunismos mal disfarçados de soluções tecnológicas vanguardistas.

Em face desse desafio, a revista *Bibliotecas Universitárias: pesquisas, experiências e perspectivas* apresenta neste número um repertório de produções que nos auxiliam nas reflexões e no delineamento das mudanças necessárias.

No artigo “A importância do IBICT para a divulgação científica brasileira”, Kátia Gonçalves dos Santos e Luciana Gonçalves Silva Souza apresentam reflexões acerca da

sociedade da informação e da importância da divulgação científica para o desenvolvimento acadêmico e social. Com esse propósito, analisam o papel do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT).

No artigo “O Espaço de Leitura da UFMG: uma biblioteca pública dentro da biblioteca universitária”, as autoras Marina Nogueira Ferraz, Marília Abreu Martins Paiva e Débora Crystina Reis apresentam um relato da experiência das ações desenvolvidas desde 2009.

Camila Cristina da Silva e Evandro José Lemos da Cunha, no artigo “Escola de Belas Artes: necessidade de uma política de acervo institucionalizada”, problematizam e analisam a necessidade de constituição de uma política de acervo institucionalizada que permita a preservação de acervo de imagem em movimento sob a responsabilidade de professores do curso de Cinema de Animação e Artes Digitais da Escola de Belas Artes da UFMG.

Na seção Entrevista, o Diretor do Sistema de Bibliotecas da UFMG, Wellington Marçal de Carvalho, entrevista Diógenes de Barros Lopes Cardoso, Diretor da Biblioteca do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa (INEP) da Guiné-Bissau.

Em Relatos de Experiências, apresentamos a experiência profissional do bibliotecário guineense Iaguba Djalo, membro da Associação Africana de Bibliotecas e Instituições de Informação (AFLIA).

Finalmente, na seção Pesquisa em Foco, apresentamos as pesquisas recentes, fruto de estudos de mestrado e doutorado, realizadas pelos bibliotecários do Sistema de Bibliotecas da UFMG.

Boa leitura!

Maria Aparecida Moura | Editora-chefe